

LUX FILM DAYS

3 FILMES
24 LÍNGUAS
28 PAÍSES



WOMAN AT WAR (KONA FER Í STRÍÐ)

um filme de Benedikt Erlingsson
Islândia, França, Ucrânia



Parlamento Europeu

WOMAN AT WAR (KONA FER Í STRÍÐ)

UM FILME DE BENEDIKT ERLINGSSON

Halla, de 50 anos, dirige um coro em Reiquiavíque. Está muito ligada à beleza da sua terra natal, a Islândia, à sua natureza assombrosa e sente-se muito preocupada com o aquecimento global e as catástrofes ambientais. Sente-se particularmente revoltada com os projetos de expansão de uma fábrica de alumínio. De forma clandestina, começa por cometer atos de sabotagem nas linhas de alta tensão, a fim de paralisar esta fábrica e de sensibilizar a opinião pública. Todavia, os seus planos são abalados por uma notícia na qual já não depositava grandes esperanças. Candidata à adoção de uma criança há vários anos, é informada de que uma menina está à sua espera na Ucrânia.

Woman at War é um conto ecológico que põe em questão, muitas vezes com humor, o significado e o peso da ação individual perante a inércia das autoridades na luta contra o aquecimento global.

UM CONTO ECOLÓGICO

Woman at War apresenta-se logo como um conto ecológico. A sequência de abertura do filme mostra Halla, munida do seu arco, a atirar uma seta para ligar os cabos de uma linha de alta tensão. A protagonista insere-se, assim, numa linhagem de personagens como Guilherme Tell ou Robin dos Bosques: uma personagem que atua sozinha e que, por meio de um gesto espetacular e extremamente rigoroso, produz um efeito prodigioso. Esta impressão é posteriormente confirmada, quando se percebe que Halla, uma figura humilde, mas cheia de dignidade, decide enfrentar a indústria do alumínio, ou seja, um adversário deveras mais poderoso do que ela. O nome que Halla atribui a si própria quando reivindica os atos de sabotagem, «Mountain Woman», e a máscara de Nelson Mandela que usa para esconder a cara quando é filmada por um «drone» servem para dar o último toque a este retrato de justiceiro.

Outros elementos do filme transportam-nos para o ambiente de um conto ou de uma fábula. Além das indefinições que rodeiam a personagem principal (Qual é o seu passado? Como ganha a vida?), podemos observar um efeito de distanciamento criado pela presença regular de uma orquestra ou de um trio de cantoras ucranianas. Estes dois grupos, que ilustram de alguma forma as emoções de Halla, surgem ora como maliciosos companheiros de viagem, ora como um coro clássico, criando um efeito de rutura com as convenções que estão na base do cinema de ficção. Embora o cinema nos convide a suspender temporariamente o nosso julgamento e nos leve a acreditar naquilo que estamos a visionar, o aparecimento no ecrã dos músicos ou das cantoras recorda-nos de que estamos no plano da ficção.

Mais do que as escolhas de realização, é talvez o próprio caráter genérico das situações que nos transporta para o mundo do conto: os pormenores do conflito que opõe Halla à indústria não são desenvolvidos (Por que razão Halla decide enfrentar a indústria do alumínio e não outra? Qua ameaça representa esta indústria para o ambiente? De que forma é que a intervenção dos investidores chineses altera alguma coisa? Que espera Halla exatamente? São perguntas que ficarão sem resposta). Halla defende «simplesmente» a Natureza, indispensável à sobrevivência da humanidade e, de um modo mais geral, de toda a vida na Terra, e opõe-se à indústria, que é poluente e largamente responsável pelo aquecimento global e pelas múltiplas catástrofes ambientais em todo o mundo. «Não sou eu a criminosa. Os criminosos são eles», diz ao criador de velhas que lhe presta auxílio. A oposição é sumária, maniqueísta, como nos contos.

UM COMBATE INDIVIDUAL

O exemplo de Halla, que, de forma anónima e sozinha, ataca uma poderosa indústria financiada por capitais internacionais, consubstancia um sonho a que porventura muitos aspiram de «conseguir mudar o mundo sozinhos». Ver a protagonista transgredir o interdito no anonimato devido a uma causa considerada justa é bastante gratificante... Seduzido pela ação, pelo risco, pelo *suspense*, o espectador suspende sem dúvida, por breves instantes, o seu sentido crítico para aplaudir a audácia da personagem. No entanto, a polémica concitada pelas ações de Halla permanece num segundo plano e da qual só nos apercebemos quando a televisão difunde notícias e programas que nos dão conta das sabotagens e das suas consequências económicas. Um dia a «Mountain Woman» é evocada por uma desconhecida que se queixa do aumento provável do custo de vida. Assim, as ações de Halla poderiam ter um impacto negativo direto na vida das pessoas comuns (sobretudo das mais pobres, o que não corresponde certamente ao objetivo almejado). A perturbação que esta opinião provoca em Halla seria sem dúvida mínima se Asa, a sua irmã gémea, não interviesse para precisamente pôr em questão o mérito da ação individual de grande envergadura. É legítimo realizar ações que tenham repercussões em pessoas que não são responsáveis pelos factos que queremos denunciar?

Enquanto Halla preconiza a intervenção espetacular e com amplas consequências em resposta a um problema extremamente grave e que requer uma resposta urgente, Asa defende a ideia da acumulação de pequenas ações com consequências limitadas: «água mole em pedra dura tanto bate até que fura», diz ela. Nesta perspetiva, a adoção de Nika não constitui apenas uma casualidade que levaria Halla a moderar os seus planos interrompendo as suas ações de choque e publicando o seu manifesto mais cedo do que previsto, mas sim um desafio em si mesmo: salvar Nika, tirá-la da miséria, do isolamento (e das inundações...) é também «salvar o mundo», afirma Asa. Assim, os dois pontos de vista opostos (utilizar grandes meios para atingir objetivos desmesurados ou realizar ações sensatas com objetivos razoáveis, mas cuja repetição e acumulação podem ser portadoras de grandes transformações) confluem nesta menina, cuja adoção virá, naturalmente, alterar a sua vida, a vida da sua mãe e certamente de todas as pessoas que a rodeiam.

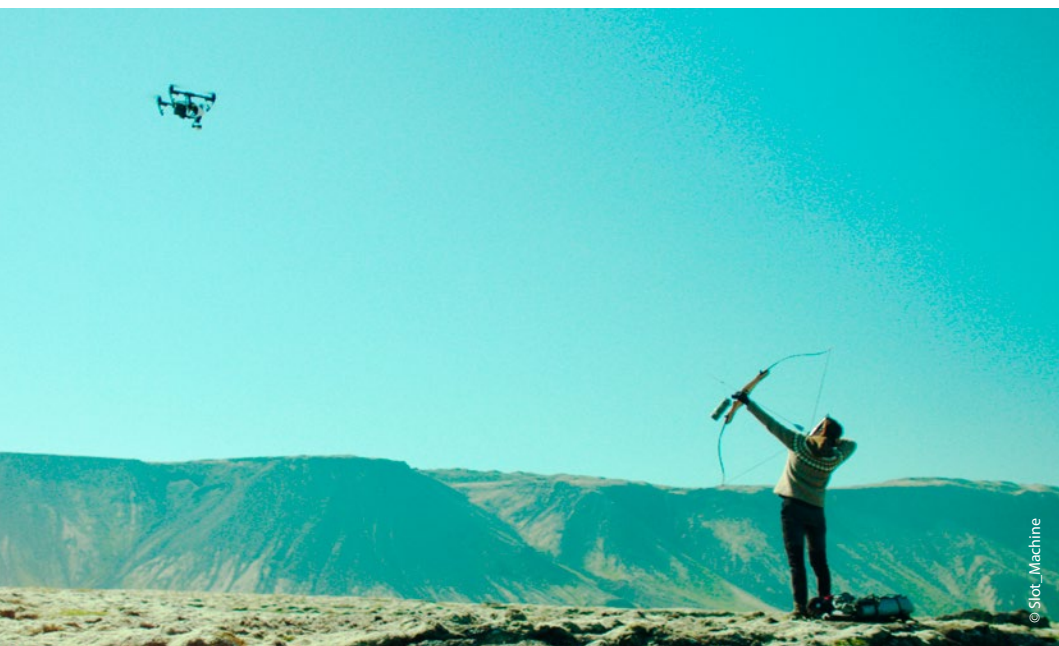
UM COMBATE POLÍTICO

Devido aos seus atos de sabotagem, Halla ataca não só a indústria islandesa, mas também o governo, que tem todo o interesse em que a economia não seja travada. O combate de Halla é político. Além disso, no seu manifesto, subordina as leis humanas a outras leis superiores, ancestrais... No entender de Baldwin, o seu cúmplice no ministério, a formulação é inábil e mesmo infeliz. Com efeito, os meios de comunicação social começaram logo por especular o significado destas «leis», que podem dar origem a todo o tipo de interpretações, das mais bizarras às mais extremistas. No vocabulário dos meios de comunicação social, o termo «democracia» também é evocado: as ações da «Mountain Woman» seriam antidemocráticas porquanto emanam da vontade de um único indivíduo. Mas, além do discurso e das palavras que os meios de comunicação social e o governo usam com mestria — por exemplo, o termo «violência» é utilizado para falar das sabotagens, ao passo que Halla reivindica a herança da não violência de Gandhi ou de Nelson Mandela —, o filme descreve duas realidades que são em grande medida contraditórias. Ao mesmo tempo que o governo e os órgãos de comunicação social invocam a democracia, são instaladas câmaras de vigilância, recorre-se à mais sofisticada tecnologia para intercepar o autor das sabotagens, são feitos apelos à delação, o manifesto é «enterrado» através da multiplicação de opiniões nos meios de comunicação social para desacreditar a «Mountain Woman» e um pobre turista sul-americano é detido três vezes! Além disso, o presidente da República, reduzido à condição de guia turístico, é ridicularizado. Halla, por seu turno, vive de acordo com os seus princípios e em harmonia com a natureza: deita-se no chão e põe a sua face contra a terra, conhece a montanha e tira partido dos seus esconderijos, da fenda na terra, da carcaça da ovelha ou da água do rio onde mergulha para escapar ao «drone». O criador de ovelhas, que lhe

presta auxílio, intervém porque situa Halla numa hipotética árvore genealógica próxima da sua, o que evidencia a força da coesão social e familiar. Além disso, a sua ajuda é deveras eficaz, uma vez que conhece como ninguém a sua terra e descortina na paisagem a rota de fuga de Halla, conduzindo-a também a nascentes de água quente para que ela se possa aquecer; sem falar das ovelhas, símbolo da pastorícia ancestral, de que Halla se serve como esconderijo e refúgio ou da independência e da proclamação da República da Islândia reiteradamente evocadas no filme. Estas evocações podem parecer factos menores do ponto de vista político, como a visita turística ao sítio de Pingvellir, onde a República foi proclamada, mas são muito importantes para Halla. Com efeito, Halla irá depositar o seu manifesto em frente ao Parlamento e aos pés da estátua de Jon Sigurdsson, líder do movimento pacifista em prol da independência da Islândia. Também são muito importantes para o agricultor que quer recuperar o seu automóvel antes do dia nacional da Islândia. A força de Halla — com a sua espontaneidade, a sua ingenuidade e a sua convicção profunda — é certamente bastante mais convincente do que as manobras e os estratagemas dos assessores do Presidente.

UMA PROFUNDIDADE INESPERADA?

A imagem final do filme é um pouco enigmática. É curioso que este filme que conjuga aventura e humor termine com esta cena: as personagens, das quais se destaca Halla, que segura a filha nos braços, e os seis músicos que a acompanharam ao longo do filme saem do autocarro, caminham na água e afastam-se virando as costas ao espectador. O final feliz do filme (Halla regressa a casa com a sua filha) está eivado de um sentimento estranho, de uma certa melancolia. No seu regresso à Islândia, são obrigadas a atravessar a pé uma zona inundada... Assim, embora a história individual da nossa heroína e da sua filha acabe bem, a história coletiva não está concluída. Em diferentes regiões do mundo, pessoas desprovidas de meios continuam a perder as suas casas, os seus bens, as suas terras, em resultado de catástrofes relacionadas com as alterações climáticas.





© Slot_Machine

ALGUMAS SUGESTÕES PARA O DEBATE

- Pessoalmente, adotaria de forma espontânea o ponto de vista de Halla ou o de Asa? Considera que é melhor «lançar uma cruzada radical» para mudar as coisas ou considera que pequenos gestos quotidianos levam a mudanças profundas? Considera que a luta contra o aquecimento global é tão urgente que não nos podemos contentar com pequenos gestos quotidianos?
- Os retratos de Nelson Mandela e Gandhi pendurados na casa de Halla indicam que é adepta da resistência não violenta. O filme, que se socorre frequentemente do humor, faz-nos tomar o partido de Halla. Considera que o humor pode ser uma arma? Em que contexto? Em que circunstâncias?
- As duas irmãs encarnam, cada uma à sua maneira, uma forma de harmonia. Harmonia do canto coral, harmonia dos gestos do *tai-chi*, harmonia da natureza, harmonia do ioga... Não existirá ainda uma forma de harmonia na outra extremidade do espectro «filosófico» do filme, ou seja, na grande indústria que Halla quer combater? As linhas de alta tensão que Halla quer sabotar não serão também instrumentos de uma prodigiosa harmonia artificial?
- Reconhece-se na declaração feita por Asa: «Quem salva uma criança, salva o mundo»? Na sua opinião, que significa esta frase?

O CINEMA EUROPEU PARA OS EUROPEUS

O Prémio LUX continua a acolher uma surpreendente diversidade de géneros e estilos através dos filmes de jovens realizadoras e realizadores europeus cheios de talento. O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao PRÉMIO DO CINEMA LUX 2018:

STYX, filme de Wolfgang Fischer, Alemanha, Áustria

THE OTHER SIDE OF EVERYTHING (*Druga strana svega*), filme de Mila Turajlić, Sérvia, França, Catar

WOMAN AT WAR (*Kona fer í stríð*), filme de Benedikt Erlingsson, Islândia, França, Ucrânia

Os filmes abordam temas da atualidade, com ardor e inteligência, e refletem a situação que a Europa atravessa neste momento. Apresentam personagens que abrem os olhos para o mundo que as rodeia, a fim de compreender a realidade, bem como as sociedades e as comunidades a que pertencem. Mostrando as nossas histórias sublimadas pela emoção do cinema, a qualidade e a diversidade do cinema europeu são valorizadas, tal como a sua importância na construção de valores sociais e de comunidades culturais. Estão, assim, convidados a vê-los por ocasião da sétima edição dos DIAS DO CINEMA LUX.

PRÉMIO DO CINEMA LUX

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades.

Neste contexto, o Parlamento Europeu lançou o PRÉMIO DO CINEMA LUX, em 2007. Deseja, assim, contribuir para uma maior distribuição de filmes europeus por toda a Europa e incentivar um debate europeu sobre as grandes questões sociais.

O PRÉMIO DO CINEMA LUX é uma iniciativa excepcional. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da União, o PRÉMIO DO CINEMA LUX proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do PRÉMIO DO CINEMA LUX será eleito pelos deputados ao Parlamento Europeu e anunciado em 14 de novembro de 2018.

DIAS DO CINEMA LUX

O PRÉMIO DO CINEMA LUX deu origem aos DIAS DO CINEMA LUX. Desde 2012, os três filmes concorrentes ao PRÉMIO DO CINEMA LUX são apresentados a um público europeu mais amplo durante os DIAS DO CINEMA LUX.

Os DIAS DO CINEMA LUX são um convite a viver uma experiência cultural inesquecível, que ultrapassa fronteiras. De outubro de 2018 a janeiro de 2019, poderá juntar-se aos cinéfilos de toda a Europa, assistindo à projeção dos três filmes numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio Web luxprize.eu ou na nossa página no Facebook!

MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A Menção Honrosa do Público é o prémio atribuído pelos espetadores no âmbito do PRÉMIO DO CINEMA LUX. Não deixe de votar num dos três filmes antes de 31 de janeiro de 2019! Terá, talvez, a oportunidade de assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2019, a convite do Parlamento Europeu, e de anunciar o título do filme vencedor da Menção Honrosa do Público.

VEJA,
DEBATA
E VOTE!



@luxprize



#luxprize

LUX
PRIZE
.EU

REALIZADOR: Benedikt Erlingsson

ARGUMENTO: Benedikt Erlingsson, Ólafur Egill Egilsson

ELENCO: Halldóra Geirharðsdóttir, Jóhann Sigurðarson, Juan Camillo Roman Estrada, Jörundur Ragnarsson, Davíð Þór Jónsson, Magnús Tryggvason Elíasen, Ómar Guðjónsson, Haraldur Stefansson

DIRETOR DE FOTOGRAFIA: Bergsteinn Björgúlfsson

PRODUTORES: Marianne Slot, Benedikt Erlingsson, Carine Leblanc

PRODUÇÃO: Slot Machine, Gulldrengrinn, Solar Media Entertainment, Köggull Filmworks, Vintage Pictures

ANO: 2018

DURAÇÃO: 101'

GÊNERO: Ficção

PAÍSES: Islândia, França, Ucrânia

VERSÃO ORIGINAL: Islandês (mais inglês e espanhol)

Original concluído em julho de 2018





© Slot_Machine



© Slot_Machine